

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO



ASSIGNATURA

Moda fuste	PORTUGAL E COLONIAS	Preço de porte
Anno ou 24 números 28000	Trimestre ou 8 números 8600	
Semestre ou 12 números 16300	N.º avulso ou pago à entrega 8120	
ESTRANGEIRO		
Anno ou 24 números 38000	Semestre ou 12 números 18500	

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 3

1 DE FEVEREIRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, Rua do Loreto, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



VICTOR MANUEL II, REI DE ITALIA (Fallecido em Roma a 9 de Janeiro de 1878)

(Segundo uma photographia de H. Le Lieure, de Turin)

SUMMARIO

TEXTO. — Victor Manuel, pelo Visconde de Benalcázar — Actualidades scientificas «o Telephone», por H. de Mackay — As nossas gravuras — A resposta do Inquilador, por Gualthero Casaró — Chronica occidental, por Gualthero de Azavedo — A primeira tempestade, por Jaime Saizera.

GRAVURAS. — Victor Manuel II, rei de Italia — Serpa Pinto e os seus moleques do confiança — Augusto Soromenho — Officinas no Porto do caminho de ferro do Porto a Povoa de Varzim — A condessa Lambertini — Telephone — Enigma.

VICTOR MANUEL

É difficil, é impossivel mesmo, que perante o tumulto mal encerrado ainda de um soberano tão activamente envolvido como Victor Manuel nas luctas mais apaixonadas e accessas dos nossos dias, a biographia assumia a serena impassibilidade da historia. Ou a invectiva ou a apothéose, eis os polos extremos sobre os quaes ou silvam as calumnias dos inimigos, ou ululam as imprecações dos adversarios, ou resoam as musicas e dithyrambos dos vencedores.

Não temos a pretensão de anticipar a sação natural, de que a historia carece para amadurecer os seus juizos e julgar no seu pretório austero e insubornavel os personagens que por qualquer fórma, já pela energia do pensamento, já pela efficacia das obras, ou pelas inspirações do talento ou pelo impeto da acção, nas regiões tranquilladas da sciencia ou no theatro tumultuoso da politica e da guerra, influíram poderosamente quer sobre as idéas, quer sobre os interesses e destinos sociais da sua epoca.

O nome de Victor Manuel, que hoje pertence á historia, não representa apenas a entidade de um soberano audaz e firme nos propositos, leal ás instituições livres que nunca pensou em trahir, brioso e patriota até o heroismo, prodigo do seu sangue, despresando a vida para salvar a honra, subtil nos enredos das chancellarias, modelo — no throno — da finura italiana, da sagacidade e da reserva proverbial de aquelle povo de diplomatas, conhecendo a fundo as aptidões diversas dos que o cercavam, chamando a cada qual na hora opportuna e para a empreza apropriada, revestido com raro bom senso na rotação dos partidos e nas esferas do governo o talento e a popularidade dos estadistas, governando com Cavour e batalhando com Garibaldi, exercendo em summa admiravelmente o «sen officio de rei,» na phrase d'Alfieri.

Victor Manuel não significa apenas o nome de um monarcha que sobredeitou a corôa herdada com o luzimento dos proprios feitos; seu alcance é bem maior, porque symbolisa a consubstanciação dos dois factos culminantes, que resumem em si sós o cyclo da revolução mais fecunda de quantas a Italia consummou após longos seculos de oppressão, e traduzem na região positiva da realidade as aspirações baldadamente formuladas por pensadores eminentes e asselladas com o sangue de tantos martyres: a unidade nacional e a queda do poder temporal dos papas.

A conjunção d'estes dois acontecimentos, cada um dos quaes operou uma transformação profunda no organismo politico da península italiana, torna o reinado de Victor Manuel um dos mais decisivos momentos historicos da vida collectiva da Italia e dos annos da Europa moderna.

Nesse reinado, que a morte veio concluir tão abruptamente, tudo é cunhado com o sello de uma singular missão providencial, a começar pelo theatro relativamente pequeno em que ella foi iniciada, o Piemonte. Foi este o foco ardente d'onde irradiaram a liberdade e a emancipação da Italia, o solo de benção em que germinaram as sementes da unidade moral, que preparou a unidade politica. Esse movimento de propaganda unitaria, que a maior parte dos estadistas conservadores e reaccionarios da Europa ou capitulavam — a principio — de obra confusa e revolucionaria, ou almejavam com o epitheto desdenhoso de aspirações quimericas, fantasiadas por um povo meridional, fascinado de utopias, achou na Sardenha o nucleo das forças vivas que lhe ampararam os passos, lhe encaminharam as tendencias e o avigoraram para a lucta e para a victoria.

Foi no prestigio da monarchia sarda, no talento, no patriotismo e na valentia dos seus estadistas, diplomatas e generaes, foi na liberdade da tribuna d'onde partiam brados energicos no meio da oppressão com que a Austria esmagava a Lombardia e o Veneto, e das saturnaes do despotismo ignobil que um Bourbon fazia pesar sobre os seus subditos napolitanos, ao mesmo tempo que o gran-duque de Toscana e o duque d'Modena, abdicando da qualidade de principes italianos, iam engrossar as fileiras dos oppressores da patria, foi finalmente na lealdade cavalleirosa e no ardor varonil de Victor Manuel, que se escorou a causa da independencia e da unidade italianas.

Do extremado patriotismo d'aquelle governo, da sagacidade e providencia dos seus estadistas, entre os quaes occupa o posto mais elevado o conde de Cavour, da fidelidade inquebrantavel ás instituições livres e á causa da patria, do arrojado esforço de Victor Manuel, collaborador infatigavel do seu grande ministro nos manejos politicos e diplomaticos, e verdadeiro heroe nos campos de batalha, derivou o periodo commovente e dramatico de trinta annos de luctas e de perigos, epopéa grandiosa, cujo desenlace foi a transformação de uma Italia dividida e retalhada

por antagonismos seculares, por odios locais, n'uma Italia unida, amiga, fraternal, ligada pelos vinculos da solidariedade dos sentimentos, das instituições e dos destinos.

Esse movimento, ou antes essa prolongada convulsão de independencia, que contava mais de trinta annos de sacrificios e de revezes para traz do tragico desastre de Novara, inspirou a Victor Manuel, a Maximo d'Azeglio, ao conde de Cavour, a Urbano Rattazzi e ao general La Marmora as maximas ousadias para legarem á Italia a grandeza politica a que tão afortunadamente attingiu.

Cinco annos decorridos depois d'aquelle sangrenta jornada, o exercito piemontez confundia as suas glorias com as dos alliados contra a Russia, na campanha da Crimea. Cavour tomava parte nos congressos de Paris e de Zurich. A Italia, após tantos seculos de mudex, soltava a voz nos conselhos das grandes potencias! Em 1859 nova campanha e brilhantes victorias sobre a Austria, de que resultava a annexação da Lombardia ao Piemonte, preço feliz da alliança com o imperio francez. O que se seguiu é tão recente, que está na memoria de todos. A Italia Central, Modena, Parma, Napoles e Sicilia, as Legações e afinal Roma foram-se successivamente agrupando no vasto seio da unidade italiana, a que poz definitivo remate a posse da cidade dos imperadores e dos pontifices, em setembro de 1870, tornada na metropole d'uma poderosa nação de 26 milhões de homens.

O sopro viril da liberdade e da independencia varrerá da frente da cidade eterna a corôa da immobibilidade theocratica e sacerdotal; e a antiga cidade dos Cesares cingia-se a si propria com o diadema da livre soberania nacional!

L'Italia farà da sé — a formula de Carlos Alberto — consummou-se. Por entre os phantasmas do passado esvaia-se a sombra melancolica da Italia antiga e tradicional, generosa, a espaços fremente e sublime, mas oppressa pela fatalidade do destino, a debater-se inutilmente debaixo de uma mão de ferro que a prostrava sempre que pretendia levantar-se do seu lethargo, caído na postura d'uma d'essas figuras de alabastro que vemos deitadas em cima das sarcophagos da cidade média.

Enfraquecida, discordes, e durante oito seculos avassallada, ora pelo sacro imperio que a passava de mão para mão, como um feudo teutonico, ora pelo papado que ás vezes a entregava inerte á cubiça e á brutalidade do invasor estrangeiro, espinhada pelo despotismo tudesco e pela dominação hespanhola que se enxerta n'aquelle pela transmissão do direito imperial a Carlos V e depois a Philippe II, afagando ora as visões d'uma monarchia omnipotente, como os gibelinos e o proprio Dante, ora como os guelfos adorando a theocracia pontificia, a Italia resurgia finalmente para a vida nacional, e pertencia inteira e plenaria aos Italianos desde os Alpes até ao Adriatico.

O elogio e a grandeza de Victor Manuel consistem em que, no grupo dos obreiros e grandes luctadores d'esta renovação immense, sua figura, longe de entrever-se desbotada, de morta cor, na penumbra da tela, resalta firme, erecta, proeminente no primeiro plano com a sua musculatura athletica, titanica. Os acontecimentos, com serem colossaes, não lhe amesquinham as proporções; pelo contrario houbreia com elles e domina-os de toda a sua altura. No meio das catastrophes ou das victorias, em Goito, em Custorza, em Palestro e Solferino, Victor Manuel, soldado da liberdade e do futuro da Italia, reproduz o ideal guerreiro dos antigos lidadores, dos condestaveis, dos Gids, no passo que pela mais sympathica das antitheses, no trato intimo e na vida ordinaria, desce até á extrema simplicidade dos modernos costumes democraticos.

Na galeria da historia e na memoria da posteridade, Victor Manuel é, e será sempre, um dos primeiros vultos da Europa do seculo XIX. A dôr que a trespassou, ao saber a nova do fallecimento do primeiro rei da Italia, ainda prolonga a sua vibração.

Enxutos que sejam os prantos de todos os amigos da liberdade e de todos os Italianos, de cuja emancipação foi agente poderoso e infatigavel, a saudade e a admiração hão de vecejar perennemente nos corações, em redor d'aquelle tumulto que as columnas magestosas do Pantheon abrigam, do mesmo modo que as perpetuas e os goivos florescem em volta das sepulturas estremecidas.

Em quanto a Italia, debruçada em lagrimas, envolta nos veus funebres como a Niobe, ajoelha diante do jazigo do seu rei, symbolo de tantas glorias, os contemporaneos e o mundo inteiro vão desbastando no marmore, contornando dia a dia os lineamentos d'essa nobre e grande figura, lavrando e esculpindo a estatua do heroe prematuramente adormecido pela morte, até a collocarem no pedestal indestructivel da historia, sagrada pela veneração universal.

Apanagio das raças illustres, a linguagem do novo rei Humberto, ao prestar juramento perante os corpos legislativos, é de todo o ponto digna de um filho de Victor Manuel: «A Italia, — diz o segundo rei d'aquelle grande nação — prova-me hoje a verdade das lições legadas por meu glorioso pae: que o respeito religioso devido ás instituições livres é a garantia mais segura contra todos os perigos. Tal é a fé em que está a minha casa. Essa fé é que hade constituir a minha força.» E nós acrescentaremos a estas nobres palavras:

Essa divisa magnanima é que hade assegurar a solidez duradoura da unidade da Italia.

VISCONDE DE BENALCÁZAR.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

O TELEPHONE

Entre os maravilhosos productos da invenção humana que na ultima Exposição Universal (a de Philadelphia em 1876) foram submetidos á apreciação do jury internacional, um logrou attrahir particularmente a attenção não só dos homens de sciencia, mas do publico de todas as classes. Foi esse um novo apparelho transmissor do som, e em especial da voz humana, o telephõne de mr. Alexander Graham Bell.

Nas primeiras experiencias realisadas em Philadelphia com este extraordinario apparelho, que um dos mais illustres representantes da sciencia europèa, sir William Thomson, não duvidou qualificar como a *maravilha das maravilhas* da telegraphia, muitos dos assistentes ouviram distinctamente as palavras que outros dos experimentadores pronunciam n'uma cidade proxima.

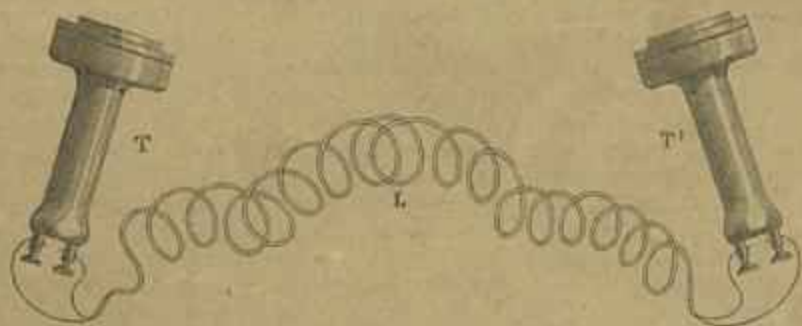
É d'este singular invento, e das experiencias ultimamente com elle realisadas em Portugal, que pretendemos dar resumida noticia aos nossos leitores.

O apparelho tal como vamos descrevel-o, não é já o primitivo telephõne de Bell, com que se realisaram na America as experiencias de que sir William Thomson dava conta no *Bulletin* de setembro de 1876 á *Associação Britanica*.

De então para cá os melhoramentos e progressos realisados no telephõne, sem alterarem na sua essencia a invenção scientifica de Bell, foram tão rapidos e extraordinarios, que na phrase auctorizada de mr. Naudet-Bréguet o instrumento imperfeitissimo de 1876 era em 1877 quasi perfeito, e tão simples que parecia impossivel ir além em simplicidade.

Mais ainda; o telephõne considerado a principio por muitos, e dos mais auctorizados, como invenção de pura curiosidade scientifica, sem applicabilidade provavel, destinado apenas a ter um logar distincto nos armarios dos gabinetes de physica, conquistara no curto espaço de alguns mezes fóros de invenção util, á indagação de cujas applicações praticas era razoavel consagrar-se com fundadas esperanças de proprio resultado.

O apparelho assim modificado e melhorado, e cuja importação recentissima para o continente europèu é devida a mr. Naudet-Bréguet, já acima citado, tem a fórma exterior representada na gravura annexa. As duas partes d'elle designadas pelas letras T e T', e que podem ser-



vir alternadamente de receptor ou transmissor, são dois involucros ou caixas de madeira internamente escavadas em fórma de funil. No fundo da bocca do funil está uma delgadissima membrana de ferro ou folha de Flandres. O interior do tubo do funil, a partir da pequenissima distancia da membrana metalica, é cheio por uma vara de aço magnetizada, cuja ponta mais proxima da membrana é envolvida por uma curta bobina de fio de cobre. E n'isto consiste essencialmente o telephõne, cujo receptor e transmissor estão ligados pelo duplo fio L, ou por um fio simples e a terra, por fórma que esta ligação constitua um circulo telegraphico completo.

A perfeita intelligencia da theoria physica do apparelho, é accessivel a quem quer que tenha conhecimento dos principios mais elementares da acustica e do electro-magnetismo.

A produção de um som qualquer junto da membrana metalica do telephõne transmissor, traduz-se n'esta em vibrações unisonas que alternadamente a approximam e afastam do polo do magnete.

D'estas aproximações e afastamentos entre uma magnete envolvido em fio conductor e uma lamina de ferro resulta, como é sabido, a produção de correntes electricas de indução. Estas correntes electricas, transmittindo-se através do fio que liga os dois magnetes (o do transmissor e o do receptor) vão produzir no segundo successivos augmentos e diminuições de força magnetica, que se traduzem em maior ou menor intensidade de attracção exercida pelo magnete sobre a membrana, e por consequencia em alternadas aproximações e afastamentos da membrana em relação ao magnete do receptor, movimentos de vibração absolutamente correspondentes aos que realisou a membrana metalica do transmissor, e que produzirão uma serie de sons analogo á que fez vibrar esta.

O telephõne de Bell é o primeiro apparelho d'esta natureza que reproduz o som em toda a sua integridade primitiva. E o facto tem facil explicação. Os sons distinguem-se: pela altura que depende do numero de ondas sonoras produzidas na unidade de tempo pelas vibrações do corpo emittente; pela intensidade, que resulta da amplitude das vi-

brações molleculares do corpo vibrante; e finalmente pelo timbre acerca de cuja natureza reinou grande incerteza, mas que o professor Helmholtz demonstrou depender do seguinte facto. Sempre que um corpo vibra produzindo um som, a par da nota fundamental, o ouvido percebe uma serie de sons mais fracos, chamados sons superiores, cuja origem são vibrações parciais do mesmo corpo vibrante, tres ou quatro vezes mais numerosas e de menor amplitude que as que se realisaram na totalidade da massa d'elle.

A existencia d'estas vibrações accessorias é que, segundo Helmholtz, é devido o timbre dos sons produzidos pela larynge humana.

Quando se emite um som junto de uma membrana as vibrações reproduzem exactamente todas as particularidades do som que a fez vibrar; numero de vibrações n'um segundo (altura); amplitude d'estas vibrações (intensidade), e relação do numero das vibrações de certas partes da membrana com o das que se realisam na membrana toda (timbre).

Do que deixamos dito, e da conclusão a que chegámos expondo a theoria physica do telephõne de Bell, isto é, que os movimentos vibratorios da membrana do receptor são absolutamente correspondentes aos realisados na do transmissor, resulta, em harmonia com a experiencia, que este apparelho transmitta o som com todas as suas qualidades primitivas, alterando-lhe apenas proporcionalmente a intensidade, como qualquer outra fórma de transmissão. Effectivamente os sons ouvidos são notavelmente mais fracos que os produzidos.

Como se vê, o telephõne de Graham Bell funda-se em phenomenos physicos todos elles, na sua essencia de ha muito conhecidos; e a extraordinaria sensação causada no mundo scientifico pela apparição d'este prodigioso invento foi devida ao facto de que até all ninguem imaginara que ondas sonoras tão diversas e moduladas como as que produz a voz humana podessem reproduzir-se exactamente nas vibrações de uma lamina metalica, e ainda menos que essas tão dellicadas vibrações podessem originar correntes electricas de indução com a força necessaria, para atravessarem um fio metalico de grande extensão e irem produzir n'uma magnete os phenomenos de que acima demos noticia.

Uma das circumstancias que no telephõne de Bell merece especial menção é a prodigiosa velocidade com que o som se transmitta através do apparelho. Esta velocidade, devida sem duvida á natureza mixta dos phenomenos acustico-electro-magneticos que realisam a transmissão, é, segundo Bell, no fio de ferro usado para a construção das linhas telegraphicas aerias, de 5:127 metros por segundo. A velocidade do som no ar atmosferico é de 333 metros por segundo; a de propagação das correntes electricas, variavel com a materia do conductor, e com varias outras circumstancias é superior a 40:000 kilometros por segundo no fio de ferro das linhas aerias.

O alcance do apparelho, isto é, a maxima distancia a que elle transmitta sons perceptíveis, é relativamente limitada. Esta limitação provém da sensivel diminuição d'intensidade de som transmittido que acima apontámos como sendo resultado da experiencia, e consequencia a priori da theoria physica do telephõne.

A experiencia mais notavel, debaixo d'este ponto de vista, de que temos conhecimento, é a que foi feita na America por mr. Graham Bell através de uma linha de 415 kilometros.

As experiencias feitas em Portugal, e de que promettemos dar resumida noticia aos nossos leitores, realisaram-se em Lisboa, com o melhor resultado, e nas condições seguintes:

O Observatorio Meteorologico da Escola Polytechnica e o Observatorio Astronomico da Ajuda, de ha muito ligados por uma linha telegraphica, foram os pontos entre os quaes se estabeleceu a communicação phonetica.

O telephõne de que se serviram os experimentadores era o do systema Bell, de duplo receptor e duplo transmissor.

As experiencias começaram, segundo creio, no mez de novembro de 1877, e com apparelhos mandados vir da Alemanha, que mais tarde foram substituidos por outros construidos pelo sr. Hermann, distincto empregado da direcção geral dos telegraphos.

A distancia entre os dois Observatorios é de, proxivamente, tres kilometros.

Muitas das experiencias porém foram realisadas com um fio intercalar de mais de 200 kilometros.

Dirigiram estas experiencias e presidiram á installação dos apparelhos no Observatorio da Escola os srs. Brito Capello (director) e Gama Lobo (observador); no Observatorio da Ajuda os engenheiros hydrographos em serviço n'aquelle estabelecimento, os srs. Oom, Campos Rodrigues e Alves do Rio.

Estas experiencias que se tem continuado até hoje, que proseguem ainda, tem dado sempre o melhor resultado, e a ellas tem concorrido além de todo o corpo docente da Escola e de muitos homens de sciencia, outras pessoas estranhas a ella.

Uma d'ellas, a que se realisou no mez de dezembro por occasião da solemndade da distribuição dos premios aos alumnos da Escola Polytechnica, foi honrada com a presença de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz, que do Observatorio Meteorologico da Escola Polytechnica logrou reconhecer pelo timbre da voz os srs. Oom e Campos Rodrigues que lhe fallavam por intermedio do telephõne no Observatorio da Ajuda.

No pequeno gabinete do director do Observatorio Meteorologico da Escola ouviam-se distinctamente alguns trechos de musica tocados n'uma flauta e n'um harmonium pelos experimentadores da Ajuda.

De outra experiencia realisada sob a direcção do já citado sr. Hermann, entre a estação telegraphica de Lisboa e a do Entroncamento (distancia superior a 100 kilometros) apenas podemos dizer aos nossos leitores que foi realisada com optimo resultado.

Os experimentadores reconheceram facilmente pela voz as pessoas que lhes fallavam por intermedio do telephone.

As applicações practicas do telephone são por ora poucas. Daremos conta aos nossos leitores das que pelas ultimas publicações scientificas chegarem ao nosso conhecimento.

Que o telephone é um porta-voz de grande alcance, que pôde substituir o porta-voz ordinario, e ainda os tubos acusticos nos estabelecimentos onde o som tiver de percorrer grandes distancias, é facto que resulta immediatamente da simples descripção do apparelho e suas funcões.

Experiencias feitas em varias minas de carvão em Inglaterra, coroadas sempre de optimo resultado, provam tambem que o telephone pôde prestar á industria mineira relevantes serviços no estabelecimento de communicacões com o fundo dos pozos e galerias.

Uma lampada de nova invenção que revela a presenca do *grison* (gaz inflammavel das minas) pela produção de uma especie de canto, semelhante ao da lampada philosophica que se mostra nas salas de chimica, deu origem a uma nova applicação do telephone. As experiencias feitas por mr. Bell e sir William Thomson demonstram que o telephone transmite o canto da lampada a grande distancia, permittindo assim que o engenheiro chefe examine de tempos a tempos, sem se arredar da sua secretária, a composiçao do ambiente das galerias da mina.

Entre outras applicações do telephone ao aperfeiçoamento das artes militares occorre como evidente a do estabelecimento de communicacões entre a terra e um balão captivo, entre a terra e os navios ancorados, ou ainda entre differentes navios no mar; e na mais perfeita realisacão d'estas applicações andam já empenhados distinctissimos officiaes do exercito e marinha franceza.

EXPEDIÇÃO GEOGRAPHICA PORTUGUEZA Á AFRICA AUSTRAL



SERPA PINTO E OS SEUS MOLEQUES DE CONFIANÇA (segundo uma photographia enviada pelos expedicionarios)

Entre as applicações puramente scientificas aponta mr. Niaudet-Breguet a possibilidade, ainda não verificada, de empregar o telephone como revelador das correntes electricas extremamente fracas.

Como se vê, as applicações do telephone são até hoje em pequeno numero, e de importancia relativamente secundaria.

É de esperar porém que este prodigioso apparelho, cuja invenção esclareceu desde logo importantes questões de acustica e electro-magnetismo, até então bastante obscuras, conquiste no campo das applicações practicas o logar que merece.

H. DE MACEDO.

Quando escreviamos estas linhas tivemos noticia por differentes jornaes da capital, de que o sr. Carlos Barreto requerera pelo Ministerio das Obras Publicas, privilegio de invenção por aperfeiçoamentos reali-

sados no telephone. Ignoramos ainda a natureza e alcance d'estes aperfeiçoamentos, que por ora são, como era natural, segredo do seu auctor.

H. DE MACEDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

SERPA PINTO E OS SEUS MOLEQUES DE CONFIANÇA

O nosso distincto collaborador Luciano Cordeiro, fallou com extrema eloquencia nos dois numeros antecedentes do audacioso explorador de que hoje damos a expressiva physionomia. Reservamos para os nume-

ros seguintes, os retratos dos outros dois arrojados companheiros de Serpa Pinto, e outros diversos typos da pittoresca comitiva que os acompanha na sua excursão ao interior da Africa.

AUGUSTO SOROMENHO

Augusto Soromenho falleceu a 9 de Janeiro de 1878, com quarenta e quatro annos incompletos. Muitas vezes fallava elle de um livro em projecto, que intitulava a *Caravana dos Mortos*, no qual contaria a vida litteraria dos seus antigos companheiros de estudo no Porto, pleiade auspiciosa, truncada prematuramente, mas ainda assim brilhante, para occupar um dia um capitulo da nossa historia intellectual. Na *Caravana dos Mortos* entram: Soares de Passos, Gomes Coelho, Licinio de Carvalho, Coelho Lousada, Arnaldo Gama, Custodio Passos, Nogueira Lima, Eduardo Salgado, Faustino Xavier de Novaes, Ernesto Pinto de Almeida e Guilherme Braga. O livro nunca chegou a ser escripto, e Soromenho foi engrossar a ala funeral d'essa geração de poetas, que até certo ponto fez com que Herculano acreditasse no vigor dos homens das provincias do norte. Soromenho levantou-se de simples funcionario aduaneiro até ao magisterio superior, onde occupou um lugar distincto; e este o seu titulo de



AUGUSTO SOROMENHO (Fallecido em Lisboa a 9 de Janeiro de 1878)
(Segundo uma photographia de sr. Almeida)

gloria. Como empregado da Bibliotheca Publica do Porto, Herculano reconheceu a sua competencia paleographica, e aproveitou-o para visitar os diversos cartorios das collegiadas e mosteiros, remettendo para o Arquivo Nacional os documentos fundamentais da nossa historia. Soromenho desempenhou cabalmente este encargo, e em cartas particulares de Herculano, o auctor da *Historia de Portugal*, confessava que era elle o unico homem n'este paiz capaz de continuar o seu trabalho. Comprehendendo a necessidade do estudo do arabe em Portugal, para se poder escrever o periodo da organisação da nossa nacionalidade, Herculano aproveitou a boa vontade de Soromenho, e fez com que fosse por conta do governo frequentar essa disciplina com o grande arabista D. Pascual de Gayangos. Soromenho demorou-se pouco tempo em Madrid, e no regresso foi-lhe dada a cadeira de arabe do Lyceu Nacional de Lisboa, que era regida interinamente por Antonio Caetano Pereira, antigo discipulo do P.^o João de Sousa. Pereira havia-se manifestado contra Herculano, por causa da rejeição do milagre de Ourique; attribue-se a isso a sua exclusão da cadeira de arabe. Ao fim de algum tempo a cadeira foi extinta pelo sr. bispo de Vizeu, por economia do orçamento. Soromenho pertenceu tambem á Academia das Sciencias, onde

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



OFFICINAS NO PORTO DO CAMINHO DE FERRO DO PORTO À POVOA DE VARZIM (Segundo uma photographia de F. Rocchini)

foi bibliothecario e successor de Herculano, na confecção do *Portugalia Monumenta*; da Academia passou para a regencia interina da cadeira de Litteratura do Curso Superior de Letras, no impedimento de Lopes de Mendonça, cadeira de que foi proprietario depois por um concurso publico. A dissertação sobre a *Origem da Lingua portugueza*, foi escripta para este certamen. Por morte de Rebello da Silva foi transferido para a cadeira de Historia, que occupou desde 1872 até á sua morte.

Soromenho era uma natureza sentimental e dedicada; dispendeu a sua vida servindo os amigos ou guerreando a todo o transe os que lhe não eram affectos. Assim adquiriu a *angina pectoris*, de que foi victima, e que as constantes emoções apressaram. Um conflicto mal explicado com Herculano, fôra o primeiro golpe que o perturbára; a prohibição de entrada na Torre do Tombo subsequentemente, affectou-o ainda mais; as intrigas em que se achava envolvido na Academia das Sciencias, e que o levaram a resignar esse posto, aggravaram ainda mais a sua situação. Soromenho não se defendia por inercia, e o seu silencio minou-lhe a existencia. Nas suas palavras e em todos os seus actos nunca faltou no respeito que consagrava a Herculano, mesmo depois de receber uma carta amarga do que elle chamava o Mestre. Soromenho quiz que a responsabilidade da compra do Dicionario de Ramalho e Sousa pela Academia, pexasse sobre uma commissão, e não sobre uma proposta particular de Herculano; entendia que assim salvaguardava o credito do que fôra o seu venerando amigo, porque o Dicionario não valia segundo pensava os dez contos de réis pedidos. Herculano entendeu que era um attentado contra os seus interesses, e redobrou de animosidade contra o pretendido ingrato. Soromenho achou-se desorientado no meio de mil conflictos em que se envolveu, e não pôde trabalhar; a confiança do publico sobre a sua capacidade, era superior ás suas provas. Hubner, em uma viagem scientifica a Portugal, falla d'elle com uma grande esperança na sua aptidão archeologica; Mommensen esperava como prova definitiva a *Historia da Igreja Lusitana*, que Soromenho se compromettera a escrever; Herculano vira algum tempo n'elle o continuador da *Historia de Portugal*; porém é preciso confessar com justiça — Soromenho estava áquem de tamanhas esperanças. Falta-lhe a comprehensão synthetica, não tinha uma philosophia que coordenasse as suas idéas geraes. Em compensação possuía todos os dotes para um critico analyista, como o provou no seu ultimo trabalho sobre a *Trova de Aljustrel*, que o grande romanista Giraud tanto louva no *Journal des Savants*. Soromenho era um verdadeiro bibliotheconomista; a sua livraria tão perfeita e completa para o estudo das instituições da Eidade media, e a historia da sua educação intellectual. Ali juntou toda a ferramenta para um trabalho especial; mas era já tarde para começar uma construcção. Soromenho sentiu o seu estado, e andava sob o mais profundo desalento. A morte veio tiral-o da responsabilidade em que o collocaram tão grandes esperanças. No conflicto da vida lutou e soube vencer; na renovação scientifica da nossa sociedade a sua acção não chegou a fazer-se sentir. Culpa da falta de plano, ou de uma morte prematura? É esta duvida que torna sentida a sua perda.

AS OFFICINAS DO CAMINHO DE FERRO DO PORTO Á POVOA DE VARZIM

O caminho de ferro de via reduzida do Porto á Povoia de Varzim, inaugurado ha pouco mais de tres annos, por uma empresa particular, é dos commettimentos mais promettedores e mais uteis de Portugal. Damos hoje uma gravura das importantes officinas d'esse caminho de ferro, iniciando assim o nosso proposito de dar a conhecer aos leitores todas as obras que representam o moderno movimento industrial do nosso paiz.

A CONDESSA LAMBERTINI

O cardeal Antonelli, o severo e sagaz secretario de Pio IX, teve ha vinte e tantos annos o seu idillio, obedecendo assim á funesta influencia da velha Roma pagã.

Esta aventura do celebre principe da Igreja, não é apenas uma simples invenção dos inimigos do catholicismo. Consta d'um curioso processo pendente no tribunal civil de Roma, e que já agora tem de ficar consignado na historia dos processos celebres.

O caso é o seguinte. A joven condessa Laura Lambertini, para provar que deve ter parte na herança d'Antonelli, que os herdeiros d'este querem unicamente para si, apela-se n'uma serie de 53 alegações para demonstrar que é filha do cardeal.

E a demonstração parece tão evidente, que os herdeiros d'Antonelli apenas sustentam em sua defesa que o defunto cardeal era já diacano quando a condessa Lambertini nasceu, o que lhe imprime o stygma de filha sacrilega, inapta por tanto para herdar.

Os defensores da condessa respondem pelo seu lado, que tendo fallecido o cardeal quando o actual codigo civil já estava em vigor, a herança deve ser regulada segundo o codigo que não admite, como a lei pontifical, a filiação sacrilega.

E a mãe da condessa quem é? No soalheiro das chronicas europeas tem-se discutido muito este ponto grave, mas a versão mais acreditada é que a *contessina* Laura se parece em extremo com seu pae, e recorda tambem em certos traços uma formosa irlandeza, esposa d'um diplomata conhecido, que em tempo exerceu elevadas funções junto da corte pontificia.

Primeiro intentou-se fazer passar a condessa Laura por filha d'uma dama, Marconi, mas esta mãe d'emprestimo desapareceu á ultima hora,

como nas operas comicas, para deixar em vago relevo a physionomia da mãe verdadeira.

De resto é sabido que o actual pontifex fez os maiores e mais louvaveis esforços para que os herdeiros d'Antonelli chegassem a um accordo com a condessa, affim de esconjurar as consequencias d'este escandaloso processo.

A condessa Laura Lambertini casou ha poucos annos com um d'esses fidalgos Italianos que nos lances melindrosos apparecem sempre para legalisar certas posições equivocas. Tem já tres filhos dos quaes o mais velho conta 4 annos.

É espiituosa, amavel, falla as linguas, respeita immenso a memoria de seu pae, e possui uma cabeça formosa como deve ser a cabeça d'uma verdadeira filha do peccado.

Em todo o caso como o retrato da condessa Lambertini deve já agora ficar na historia, apenso a um processo notabilissimo, o OCCIDENTE procura auxilliar a historia, e ao mesmo tempo ser agradavel aos leitores, reproduzindo a expressiva e sympathica physionomia da bella condessa Laura.

N. B. No artigo de numero anterior, relativo á Camara dos Pares, onde se lê *artista Berge*, leia-se *artista Berd*.

A RESPOSTA DO INQUISIDOR

A MEU TIO

LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE

Die ewige Gerechtigkeit zu ahnden
Sind an dem Hohen Gottes Sohn.
SCHILLER — D. Carlos, scen. II, act. V.

I

A sala, em que medita El-Bei, é silenciosa,
Apainelada e fria: o largo repositório
Ondula suavemente á aragem preguiçosa.

II

À cathedra real um Christo sobranceiro
Magro, livido, nú, ferido, ensanguentado,
Exhala sobre o seio o alento derradeiro.

III

El-Bei medita e scisma, o seu olhar turbado,
O seu obliquo olhar, o seu olhar de fera
Vibra irrequieta luz, parece allucinado.

IV

N'isto á porta assomou a calva fronte austera
De um velho, e logo atraz um pagem que murmura:
«Eis o frade, senhor, que Vossa Alteza espera!»

V

Curvára, ao entrar, o monge a tremula estatura,
Mãos dispostas em cruz no largo peito ancioso,
E humilhada a cerviz na ascetica postura:

VI

É contudo esse frade humilde e respeitoso,
De olhos fitos no chão, tão fragil como um vime,
Na presença de um rei, de um Cesar poderoso,

VII

É fanatico e audaz; com mão de bronze opprime
O sollo, a egreja, o lar, e os corações dos crentes,
Flagella a sombra e o amor, condemna a luz e o crime.

VIII

Quando elle vae passando, as timoratas gentes
Benzem-se com pavor, e param de improviso
As canções juvenis nas áleas resceptentes.

X

Nunca nos labios seus florira o alegre riso,
Cem annos tem, jámais beijára uma creança,
E creó subir talvez, morrendo, ao paraíso.

XI

Na Hespanha, no Perú, em Napoles, na França,
Paíra como o sinistro espirito do Mal,
O negro inquisidor, feroz como a vingança.

IX

Sixto Quinto, o cruel, fizera-o Cardeal,
E a Hespanha ponde vê com assombroso espanto
Junto do rei-panthera, o inquisidor-chacal.

XII

E Philippe dizia ao frade no entretanto:
«Sentinella da lei, piedoso inquisidor,
«Tu que fallas com Deus, e és padre, e és bom, e és santo.

XIII

«Arranca-me este peso, affasta-me este horror,
«Ah! diz-me, cardeal, se é um vil, se é um precito,
«O rei que é justo, e mata o filho que é traidor...»

XIV

E mais não disse o rei, torvo, sombrio e afflieto.
No entanto o inquisidor erguendo imperturbavel
O seu hediondo olhar das lagoas de granito.

XV

Assim tornou com voz vibrante e formidavel:
«Ó príncipe — e apontava o livido Jesus —
«Para acalmar dos céos a colera implacavel

XVI

«O Eterno fez morrer seu filho n'uma cruz!»

GONÇALVES CRESPO.

CHRONICA OCCIDENTAL

A politica foi a Deusa a que mais se sacrificou na ultima semana. No fim de oito dias de commoções moderadas, como devem ser as commoções d'um povo educado na doce palestra da casa Havana, caiu o ministerio presidido pelo sr. marquez d'Avila e Bolama.

Convém observar que d'entre os povos meridionaes somos o menos rhetorico de todos quando fallamos d'este triste accidente a que está sujeito qualquer ministerio. Cair não representa já na nossa lingua uma simples imagem. Cair é simplesmente... escorregar.

Assim, a Agencia Havas tem de tomar nota e transmittir do futuro para o estrangeiro os seus telegrammas, dando conta da demissão dos nossos ministerios, pela seguinte fórma:

Lisboa, 26 às 8 da noite. — Caiu o ministerio portuguez. O galo do presidente do conselho está sendo energeticamente combatido com agua fria e uma moeda de 5 réis pelo seu medico de serviço, que em recompensa foi contemplado com um alto cargo publico no testamento do ministro contundido.

Mas caindo o ministerio era consequencia naturalissima que fosse substituido por outro, como aconteceu. O ministerio anterior quando o seu presidente caira doente, tinha, no que parece, ficado reunido em volta do seu leito de dôr ministerial. Visto o doente estar ainda vivo aproveitou-se esta circumstancia para o mandar chamar, paraphrascando o dito d'aquelle celebre vanderille: «Visto minha tia ter morrido aproveito-me d'esta circumstancia para a mandar enterrar.»

Assim foi. O antigo ministerio presidido pelo sr. Fontes empunhou de novo as redeas da governação, mas como a poesia portugueza andasse ha tempos descontente e desconfiada com as instituições, aproveitou-se tambem a oportunidade para promover por antiguidade de serviço no moderno parnaso conservador, o seu mais inspirado e mais querido poeta. Ninguém tem de que se queixar. Continuem a fazer trovas que tambem lhes chegará o seu dia, cantores. Por agora o primeiro da escala era o sr. Thomaz Ribeiro.

Oh, se não fosse essa doce recompensa que a nação reserva para os seus inspirados, como seria triste a sorte d'elles!

A Hespanha, aquelle grande paiz do fandango e da cachilla, conserva ainda os velhos jogos floreaes. Todos os annos as suas municipalidades distribuem braçadas de sandaes d'ouro e de jasmim de prata pelos trovadores que mais se distinguem nas justas da poesia. Portugal, sonda a prosa do tempo e a decadencia do sentimento nacional deram em terra com a doce e salutar instituição dos oiteiros, Portugal procura animar a arte metrica, dando aos seus cantores, de quando em quando, a pasta da marinha e das colonias.

E os modernos galeões portuguezes quando hoje sulcam os mares revoltos, oppõem com orgulho á furia insana dos elementos um eudasyllabo do sr. Mendes Leal, que corta as vagas com a rígida frieza d'um talhamar d'aço.

Servi a patria que a patria vos contempla.

Os titães leem este verso com respeito, e já muitos mariantes se leem perdido ouvindo-o de noite, á claridade suave e melancolica do luar, cantado no piano pelas sereias, nas suas humidas e transparentes habitações formadas d'algas e de perolas.

1 Exigencias de paginação, pela antecedencia com que tem de ser compostas as paginas das gravuras, forçam-nos a alterar a disposição do texto. D'ora á frente a Chronica será sempre a introdução do Occidente.

Se Camões tivesse a fortuna de viver hoje, em vez do exilio e da miseria teria a pasta da marinha, e para se distrahir dos negocios do ultramar iria á noite inspirar-se e tomar chá a casa de s. ex.^a a musa da epopéa.

— Mas apesar da politica ter sido tudo nos ultimos dias e a arte quasi nada, fallemos todavia um pouco d'ella, d'essa triste creatura que ahí passava abandonada, sem que ninguém se lembre de a seguir, com uma casimira da penultima estação e um sorriso do ultimo dentista.

Em D. Maria tivemos o *Keen*, de Dumas. D'esta vez houve um homem audacioso que se propoz a entrar victorioso pela porta grande da arte.

Foi Brazão. Devemos louval-o pelo seu esforço e saudal-o pelo seu triumpho. Venceu porque não caiu, e quando se não cae atacando um colosso, com o qual só até hoje tem arcado com vantagem Frederico Lemaître e Rossi, é porque verdadeiramente se possui o pulso do luctador e a fina e maleavel lamina do espirito com que se pôde varar o coração dos gigantes.

S. Carlos offereceu aos *dilletanti* esta novidade musical: *Um Baile de Mascaras*. É a continuação do regimen de crèmes lyricos a que ha muito estão submettidos os frequentadores d'aquelle theatro.

S. Carlos tem hoje, de certo, um lugar preeminente entre os grandes consumidores de Verdi. Perdoa-se-lhe entretanto esta sympathia porque não se foge facilmente á tentação d'um pagem que vem cantar com galanteria extrema á bocca do proscenio:

Saper vorresti di che si veste.

Isto quando n'esse pagem se dão pelo menos as seguintes condições: — Ser a sr.^a Elena Varezzi com todas as notas cristalinas da sua voz, e um pagem com todas as qualidades da sr.^a Varezzi — além do canto.

De resto a sociedade portugueza continúa a não nos offerecer assumpto com que possamos dar á nossa *Chronica* as proporções condignas do decurso de 15 dias, para não dizermos do comprimento d'uma quinzena.

Nos theatros temos as mesmas peças, nas almas os mesmos sentimentos, na atmosphera a mesma brisa, nos *restaurants* os mesmos manjares, — isto sem hyperbole — e na politica, apesar de todas as mudanças, as mesmas idéas.

O sr. primeiro ballarino continúa a dançar em S. Carlos vestido, ou por outra — despido de preto, e a suster na tintura dos seus braços os desmaios coreographicos da primeira ballarina. A Trindade chama os fleis á devoção da opera comica, ao toque dos *Sinos de Corneville*, e a sr.^a Emilia das Neves volta de novo ás glorias de ha 20 annos, compungindo as almas com os arrancos da *Doida de Montmayour*.

Entretanto, é bem triste recordar-se a gente do seguinte:

Ao passo que M.^{lho} Luigini nos procura alegrar gorgendo as valzas de Lecocq, de noite, ao sairmos dos theatros, encontramos aos pares, silenciosos e tristes, cosendo-se com as paredes, uns pobres *pierrots* vestidos d'algodão branco e umas tristes vivandeiras trajando de bareje. Como nos compunge dizel-o!

Começam em Lisboa os bailes de mascaras!

GUILHERME D'AZEVEDO.

A PRIMEIRA TEMPESTADE

I

Meu sogro — pobre e honrado homem! — estava n'aquella occasião apoplectico de colera. O seu pequeno corpo, medio e rechonchudo — de mereceiro, tremia n'uma convulsão medonha, como uma corda metálica, posta em vibração por um dedo inexperiente e brutal. Os seus olhinhos, de extrema vivacidade, haviam adquirido uma persistencia quasi insustentavel. A calva, luzidia e larga, a que a meia luz obliqua da tarde dava um polimento irritante, facultava á sua anafada e grotesca figura um grande ar theatral de rhetorica e auctoridade.

Ennovellada no *fanteuil*, ao pé do fogão, minha mulher tinha o rosto occulto nas mãos, mas, pelos intervallos dos dedos finos e pallidos, scintillava o seu olhar, procurando anciosamente na minha phisionomia vestígios de uma emoção qualquer, provocada pelas palavras acres e violentas de meu sogro.

No entretanto, encostado ao peitoril da janella, brincando descuidosamente com o cordão do *store*, eu assumia uma romantica attitude de desleixo e de indiferença. De vez em quando, fingia occupar-me com objectos perfeitamente insignificantes, affectando uma ausencia completa de attenção e lembro-me ainda que o cadaver d'um mosquito, victima da despreocupação do meu espirito, attestou por muito tempo, no vidro da janella, até que ponto as coleras dos sogros conseguem impressionar o animo dos genros.

Mas como elle estava zangado, elle, o homem placido, o burguez abdominal, o manso paiz de familia! Ainda hoje sinto remorsos de lhe haver, com a minha glacial apparencia, irritado de tal fórma a sua quasi inoffensiva bilis. Dava passos curtos no gabinete, e as suas curvas mãos nodosas e vermelhas tinham contracções aduncas, de milhafre. De vez em quando, desenhava no ar uns gestos inexplicaveis, que lhe proporcionavam o comico aspecto d'uma rã galvanizada.

As palavras saiam-lhe dos labios, secos e pallidos, como enxames de vespas allucinadas e mordazes. Eu continuava fleugmatico, indiffe-

rente, oppondo a resistencia do silencio áquelle assalto de phrases contundentes e sonoras.

Sucedeu o que é facil de prevêr.

Cançado d'aquella immobilidade passiva, meu sogro ergueu pela derradeira vez n'aquella occasião, os punhos ao tecto, — onde um pinceel phantastico caprichára em representar Dama de guarda-chuva em punho, resistindo hericamente ás seducções de Júpiter — e balbuciando uma invocação á justiça do Eterno, saiu gloriosamente pela porta fóra, e por muito tempo se ouviu ainda a sua voz *glapissante* que chegava até nós sobre a forma decrescente de soluços colericos.

N'aquella occasião soube elevar-me ás alturas da epopeia. Heide um dia cantar em verso o meu proprio comportamento. Imaginem que em seguida á retirada de meu sogro, consegui ficar serio e silencioso, como um fauno de gesso, embora dispozesse então d'uma das mais francas, victoriosas e saudaveis gargalhadas que n'este mundo são susceptíveis de desabrochar, como sonoras flores, nos labios do genero humano.

E que eu n'aquella tarde estava em optimas disposições de humor. Devorára excellentemente o meu pequeno jantar, admiravelmente fabricado, leve como uma essencia, e ao mesmo tempo variado e *confortavel*. Á sobre-mesa bebêra com o extasis d'um consumidor de *hachisch*, um calix de Malaga, que tivera a dupla qualidade de me acariciar o estomago e de me alar o espirito.

Foi em resultado d'essas optimas disposições que eu me aproximei de minha mulher, com as mais decididas pretenções de sellar n'um beijo, como um galan de Musset, um pacto de alliança contra as procellas desencadeadas por meu sogro.

Contra a expectativa, achei uma resistencia extraordinaria.

Minha mulher repelliu-me como um phantasma, — inteiriçando os braços, que as largas mangas de seda, arregaçadas quasi até ao hombro, deixavam vêr nervosos e nus. As mãos espalmadas n'uma expressão de espanto afugentavam-me vigorosamente. O rosto escondia-o o mais que lhe era possível nos gomos de setim preto do *fauteuil*. Todo o seu debil corpo, aninhado e contrahido, apresentava uma apparencia de pudor offendido e intransigente. Um pormenor — Fechava os olhos com tal resolução, que as palpebras estavam cheias de pequenas rugas — de malicia.

— Vamos, dizia eu, querendo transigir, vamos. Então!... — e não conseguia dizer mais nada, como um parvo que então era.

A resistencia continuava. Todos os esforços eram sem resultado. Decidi-me aos actos tragicos. Affastei-me com uma grande violencia, estendi o braço com um gesto antonyano, e clamei:

— Ah sim! recusa o osculo conjugal. Sob o pretexto de que venho muito tarde para casa, força-me a ouvir os despanterios d'um sogro encunzino, e recusa-se depois a aceitar o beijo franco e sonoro que seu marido lhe offerece! Pois bem! minha senhora, a minha vingança ha-de ser prompta e terrível. Não me espere antes das seis da manhã. Seu marido ha de voltar com a alvorada apenas, fatigado com as bacchanas do Gremio, envilecido e deshonrado pela vertigem do xadrez. Cada beijo que me recusar significará para mim uma noite de orgia! Tarde então se arrependerá dos seus pudores injustificados, e do seu pretendido desdem. Adens!

E dando meia volta, com gesto heroico, peguei no chapéu e dirigi-me com um passo magestoso para a porta. Ao chegar lá, encontrei minha mulher. Já a esperava n'aquella mesma attitudo, e tinha-lhe dado tempo, fingindo procurar o chapéu, para que pudesse realizar-se aquelle pequenino lance dramatico.

Minha mulher estava em pé no limiar da porta. Os seus cabellos fulvos, opulentos, callidos, cahiam-lhe em desordenadas madeixas pelos hombros. Nos olhos pretos dilatados por uma resolução formidavel, havia reflexos de viva scintillação. Os labios entreabertos respiravam sensivelmente, e tinham pequenos fremitos voluptuosos que iam expirar como vibrações nos cantos melancholicos da bocca.

A attitudo que minha mulher assumira, era magnifica como *pose* escultural. Apesar de toda a minha calculada frieza, não pude deixar de a reconhecer admiravelmente bella.

— Minha senhora, bradei eu com um gesto terrível que se perdeu no espaço, não provoque a minha colera! deixe-me passar!

Ella nem sequer respondeu. Atiron-se-me aos braços com um impeto soffregio de leão, e as suas madeixas d'um loiro metallico, tiveram no ar ondulações de serpentes: cingiu-me com uma força de que eu não julgava susceptivel o seu corpo franzino e delicado, e balbuciante, com a respiração entrecortada, bafejando-me as faces com o seu halito



A CONDESSA LAMBERTINI

(Segundo uma photographia enviada de Roma)

quente e sensual, em que se combinavam mil perfumes voluptuosos, entreabrindo os labios, de modo a deixar vêr os dentes, humidos, brancos e agudos, disse-me offegante:

— Não, não vás. Por quem és. Amo-te. Esquece o que te disse meu pae, a culpa foi minha. Foi eu que me queixei. Tinha ciúmes, amo-te. Perdoa. Não vás...

E enlaçava-se-me nos braços como uma cobra, e as suas pequenas mãos, electricas, de cutis transparente, procuravam tenazmente cruzar-se atraz do meu pescoço.

Será ridiculo confessar que estive quasi a ceder? O meu orgulho porém, reagiu feliz ou infelizmente, e desembaraçando-me a custo d'aquella abraço por que em outra occasião eu daria a vida, disse-lhe com uma ironia formidavel:

— Influencia do quarto acto dos *Huguenotes* no espirito das senhoras sensíveis! Valentina não quer deixar sair Raul! Por quem é, minha senhora, basta de ridiculo! Disse-lhe que havia de vingar-me, e vingou-me!

E segurando-lhe as mãos n'uma só, com grande força varonil, peguei com a outra no chapéu, que no meio da lucta caíra no chão, e saí com um grande effeito theatral.

No meio da outra sala, parei, ouvi uns soluços abafados. Hesitei por instantes. N'este momento, por desgraça, desenhou-se-me na mente a figura irada e gorda de meu sogro; vi-o fazendo gestos triumphantes, e olhando-me com um riso de escarneo; achei-o he-

diondo e achei-me desastrado. Enterrei o chapéu na cabeça, dei um murro em cima d'uma mesa, clamei:

— Nunca!

E saí como um allucinado.

JAYME DE SEQUIER.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIAS E AVISOS

Foi o sr. V. d'Almada quem primeiro nos enviou a explicação do enigma do numero antecedente.

— Ao nosso correspondente sr. J. M. Z., do Porto, agradecemos as suas phrases amaveis e o interesse que mostra por esta publicação. Enquanto á maneira por que enviamos a nossa folha pelo correio, não conhecemos meio pratico de o fazer por outra fórma. É exactamente o usado por todas as publicações estrangeiras d'este genero.

Aos nossos assignantes e correspondentes que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, pedimos para o fazerem quanto antes, afim de lhes não ser suspensa a remessa da nossa folha d'este numero em diante.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

As filhas de Mondogo a morte oscura
Por longo tempo chorando memoraram.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Theozuro Velho, 6